



REDE SUL E ILHAS

PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS PARA ACESSO AO ENSINO SUPERIOR POR ALUNOS DE CURSOS DAS VIAS PROFISSIONALIZANTES

2025/26

Classificação Final das Provas A e B _____

PARTE A - PROVA DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

12/06/2025

A PREENCHER PELO/A PROFESSOR/A CORRETOR/A	
	Pontuação
Grupo I.....	_____
Grupo II.....	_____
TOTAL.....	_____
Data ___/___/___ Rubrica _____	
N.º convencional	
<input style="width: 100px; height: 20px;" type="text"/>	

A PREENCHER PELO/A CANDIDATO/A											
N.º convencional											
<input style="width: 100px; height: 20px;" type="text"/>											
1. Nome completo _____											
2. Cartão de Cidadão / BI/ Passaporte n.º											
<table border="1" style="width: 100%; height: 30px;"> <tr> <td style="width: 10%;"></td> </tr> </table>											
Válido até ___/___/___ Por (localidade) _____											
Atenção: Não deve escrever o seu nome ou qualquer elemento que o identifique noutra local desta prova, sob pena de esta lhe ser anulada.											



REDE SUL E ILHAS

PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS PARA ACESSO AO ENSINO SUPERIOR POR ALUNOS DE CURSOS DAS VIAS PROFISSIONALIZANTES

2025/2026

PARTE A -

LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

GRUPO I

Leia atentamente o texto que se segue.

Uma das minhas maiores humilhações públicas (e poderíamos discutir se toda a humilhação é pública ou se, por hipótese, haverá a categoria de humilhação solitária ou sem testemunhas) aconteceu por causa de uma palavra que nem sequer existia. Daí, de não existir e de ser proferida com a arrogância de quem se servisse de uma palavra milenar, veio a humilhação. *Padrado* era a palavra. Foi numa aula na faculdade — recordo a configuração da sala, a disposição das mesas, o lugar que eu ocupava, a postura do professor — e eu queria um substantivo coletivo que aviltasse o clero, o reduzisse a uma corja, a uma súcia, e, de improviso, não me saiu melhor que *padrado*. O professor, que há muito me tinha em ponto de mira, não perdoou: «isso não existe. Se queremos ser irreverentes ao menos que seja em bom português.»

Corrigido à vista de todos, comportei-me como um animal acossado e defendi a minha palavra. Resisti, o que só aumentou o gozo do professor. Depois da aula, fui à biblioteca, procurá-la nos dicionários. Não estava lá, mas nem assim eu queria admitir. Os colegas, com dó e vergonha alheia, recomendavam-me que depusesse as armas. Perdera a batalha. Não. Impossível. E continuei à procura. Ainda hoje, compulso dicionários na esperança de encontrar um que me dê razão. Um que reconheça a palavra que me humilhou. *Padrado*.

(...)

As palavras não me trouxeram apenas vergonha e desonra. Por vezes foram motivo de orgulho. Certa vez, creio que no sexto ano, usei o verbo «incumbir» num teste de português. Ao deparar-se com a palavra, a professora, de uma exigência jesuítica, reagiu com um misto de surpresa, incredulidade e maravilhamento que ainda permanece comigo: a palavra é capaz de dobrar o espírito mais inflexível. «Onde é que eu teria ido buscar aquele verbo?» era a pergunta que o espanto da professora denunciava. Isso eu não queria dizer. Tinha lido a palavra numa daquelas publicações apocalípticas das Testemunhas de Jeová. Porém, o que me impedia de o assumir não era apenas a timidez de origem religiosa.



Reconhecer que a tinha lido em algum lado e que tinha feito questão de a usar, mesmo que corretamente e a propósito, tornava-me num traficante verbal, num contrabandista de vocábulos. Eu queria dizer à professora: «Fui eu que a inventei.» Ela diria: «Mas esta palavra
30 existe mesmo.» E eu: «Não é maravilhoso? Inventarmos o que já existe?»

(...)

Cada um de nós cria o seu próprio idioleto, um sistema de referências que só pode ser plenamente compreendido pelo próprio. Nesse idioleto misturam-se expressões idiomáticas e corruptelas, regionalismos e arcaísmos, palavras herdadas, palavras
35 adquiridas. Algumas colhemo-las das folhas de um dicionário — *ónagro*, por exemplo —, de um livro — *metempsicose* é a primeira que me vem à cabeça, roubada a Camilo Castelo Branco —, de uma entrevista de um treinador de futebol — *abúlico*, *amorfo*, *sumidade*, só para citar alguns casos de palavras que aprendi em jornais desportivos —, ou do nosso quotidiano. A minha avó materna, alentejana de Montalvão, aldeia do concelho de Nisa,
40 usava um manancial de expressões com as quais cresci e que durante muito tempo julguei serem do conhecimento de todos os falantes da língua. Só mais tarde percebi que estar em *lidas*, *aramices*, *derrengado*, *mal-enjorado*, *arrelias*, eram marcas de pertença a uma comunidade, o cordão umbilical que ligava a minha avó à terra de onde viera. Enquanto palavras como *incumbir* eram adquiridas, as palavras ouvidas no dia-a-dia — *cheirete* era
45 uma delas — corriam-me no sangue.

Com umas e outras — e até com palavras inventadas: *padrado*, meu bom *padrado* — formamos a nossa constelação de significados, escrevemos a nossa história, avançamos da infância para a idade adulta, da casa para o mundo, da palavra dita para a palavra escrita, da voz da avó com sotaque de Montalvão para os livros repletos de palavras cujo
50 significado ela por certo desconhecia: *ignoto*, *éreo*, *ígneo*, *ebúrneo*, *absorto*, *pletórico*. Eu sou essas palavras e outras, fios que me ligam a mim mesmo: *gandulo*, *caga-tacos*, *sete-vidas*, *bicuatias*, *calundus*, *ungido*, *desmancho*, *nascido*. E quando as escrevo, palavras antigas e, ao mesmo tempo, virgens, para que outros as leiam é como se lhes dissesse: «Tomai, comei, estas palavras são o meu corpo.»

Bruno Vieira Amaral, “Cada escritor inventa a sua língua — Sete histórias breves sobre palavras“, in *Todas as Palavras que hão de vir*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2021 (pp.37-39)

https://impresnacional.pt/?w3n_livros_pdf=todas-as-palavras-que-hao-de-vir

1. Assinale com um X a alternativa que completa o sentido de cada afirmação, considerando o conteúdo do texto lido.

1.1. O autor afirma que se sentiu humilhado numa aula (1.º parágrafo) porque usou

- (A) uma palavra que não era adequada.
- (B) uma palavra inexistente no dicionário.
- (C) uma palavra ofensiva.
- (D) uma palavra cujo significado desconhecia.

1.2. O autor refere ter usado a palavra “padrado” (l. 5) para

- (A) mostrar que conhecia uma palavra erudita.
- (B) evidenciar a sua criatividade como escritor.
- (C) designar o clero de forma depreciativa.
- (D) evitar uma humilhação pública.

1.3. O excerto “há muito me tinha em ponto de mira (...).” (l. 8) indica que o professor

- (A) ignorava o autor.
- (B) estava aborrecido com o autor.
- (C) desejava reprovar o autor.
- (D) tinha o autor sob vigilância.

1.4. Na frase “Um que reconheça a palavra que me humilhou.” (l. 15), a palavra destacada refere-se

- (A) ao professor.
- (B) a um colega.
- (C) a um dicionário.
- (D) a um significado.

1.5. Ao usar o verbo “incumbir”, o autor sentiu-se um “traficante verbal” (l. 26) porque

- A) o verbo não fazia sentido no contexto.
- (B) o verbo foi inventado por si.
- (C) copiou o verbo que lera em outro texto.
- (D) o verbo não foi escrito corretamente.

1.6. Segundo o autor, muitas expressões usadas pela sua avó materna (l. 36 e seguintes) eram

- (A) conhecidas de todos os falantes de português.
- (B) compreendidas só por ela.
- (C) incompreensíveis para as crianças.
- (D) reveladoras da sua ligação à terra em que vivia.

2. Numere as frases de 1 a 5, de acordo com a ordem pela qual as informações são apresentadas no texto.

- (a) O autor exemplifica como o domínio do vocabulário pode ser motivo de orgulho pessoal. ____
- (b) O vocabulário individual é uma manta de retalhos feita, também, dos ambientes familiares e sociais de cada um. ____
- (c) Recorrendo a um exemplo pessoal, o autor mostra como uma palavra pode ser uma memória traumática para toda a vida. ____
- (d) O autor assume que, nas palavras que escreve, partilha o seu eu com o leitor. ____
- (e) Determinado em defender a sua honra pessoal, o autor socorre-se de meios para tal. ____



3. “Os colegas, com dó e vergonha alheia, recomendavam-me que depusesse as armas. Perdera a batalha. (Il. 12-13)

Numa resposta breve, explique o sentido **do excerto**, tendo em conta o texto.
